

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
3 e 10 de julho de 2025
BULLE OGIER, ATRIZ OCEÂNICA

TRICHEURS / 1984 Batoteiros

Um filme de Barbet Schroeder

Realização: Barbet Schroeder / *Argumento:* Pascal Bonitzer, Steve Baes e Barbet Schroeder, baseado no livro homónimo de Steve Baes / *Director de fotografia (35 mm, cor):* Robby Müller / *Cenários:* Maria José Branco / *Figurinos:* Isabel Branco e Catherine Meurice / *Música:* Peer Raben / *Montagem:* Denise de Casabianca / *Som:* Jean-Paul Mugel / *Interpretação:* Jacques Dutronc (*Eric*), Bulle Ogier (*Susie*), Virgílio Teixeira (*Toni, o "croupier"*), Steve Baes (*o director do casino*), Kurt Raab (*Jorg*), Claus-Dieter Reents (*Aldo*), Robby Müller (*o engenheiro*), Carlos Wallenstein, Leandro Vale.

Produção: Les Films du Losange - FR3 (Paris), Bioskop Film (Munique), em associação com Metro Filme (Lisboa) / *Cópia:* DCP, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 92 minutos / *Estreia Mundial:* Paris, 8 de Fevereiro de 1984 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 13 de Dezembro de 1984.

A sessão de dia 10 de julho tem lugar na Esplanada

"A sorte deve ser desafiada, não pode ser implorada"
de um (ex)jogador impenitente

Tricheurs teve uma carreira relativamente discreta, tendo sido particularmente mal recebido pela crítica portuguesa (*"Nem vale a pena perder palavras, não perca o leitor o seu tempo e o seu dinheiro..."*). Trata-se no entanto de um dos melhores filmes de Barbet Schroeder e um dos melhores filmes sobre o jogo (e, por conseguinte, sobre o dinheiro) alguma vez realizados. Em 1984, Barbet Schroeder ainda não havia tentado (e conseguido) a proeza quase única de passar do cinema *art et essai* europeu às produções americanas e o êxito artístico do filme vem em parte do facto do realizador tirar o máximo proveito de condições de produção relativamente simples. Longe da aparência falsamente ligeira e agridoce de outro grande filme sobre o jogo, **La Baie des Anges**, de Jacques Demy e longe das mitologias do luxo e da elegância em que o cinema costuma envolver o mundo dos casinos, Barbet Schroeder opta por um enfoque parcialmente documentário, que sublinha o que Jacques Fieschi definiu à época num artigo sobre o filme como *"a fúnebre banalidade da compulsão dos jogadores, com alguns loucos momentos de risco, de disfarce"*. Barbet Schroeder jamais se afasta da matéria narrativa, aparentemente magra, a rotina de um par de obcecados e encontra o ritmo narrativo ideal. Sob esta simplicidade, o filme tem um grau de *suspense* superior ao de muitos *thrillers*, incluindo aqueles que o próprio realizador faria nos Estados Unidos.

Tricheurs é baseado em factos reais, por mais extravagante que pareça a história da bola cheia de mercúrio (mas a realidade quase sempre ultrapassa a ficção). As aventuras do personagem de Jacques Dutronc são decalcadas nas de um jogador profissional (e, por conseguinte, um batoteiro profissional) Steve Baes, que escreveu o livro em que o filme é baseado e que, por suprema ironia, faz aqui o papel do director do casino. A sua presença terá sem dúvida alguma contribuído para instaurar entre os actores do filme o clima de ligeira demência necessário. Barbet Schroeder, que muitos anos depois faria um documentário sobre um batoteiro de outro tipo, o advogado Jaques Vergès, provou várias vezes que estava perfeitamente à vontade diante de personagens algo dementes e potencialmente perigosos, como Charles Bukowski e Idi Amin Dada, com os quais manteve sempre o mais absoluto absoluto sangue frio. Também foi capaz de desencavar numa favela de Medellín um jovem assassino por contrato que passara a temer

pela própria vida, a quem confiou o comovente papel de co-protagonista de **La Virgen de los Sicarios**, do qual o rapaz se saiu brilhantemente.

Como todos os jogadores compulsivos, o protagonista de **Tricheurs** tem um profundo desejo de perder e por isto é incapaz de parar de jogar enquanto a sorte está do seu lado. A mulher, que pensava "curar" o homem do vício do jogo, não tarda a viciar-se. No último plano, depois de ter comprado o castelo dos seus sonhos à beira de um lago suíço devidamente azul - o que dá ao desenlace um irónico ar de falso conto de fadas - o protagonista corre para apanhar um barco que o leve a um outro casino, onde poderá voltar a perder fortunas. A relação dos personagens com o dinheiro é absolutamente abstracta - desligada de qualquer realidade profissional, sem qualquer proporção entre esforço e recompensa - mas esta abstracção é transmitida, como tudo neste filme, através de gestos absolutamente concretos. Não há em **Tricheurs** um só diálogo "explicativo", só há acção e determinação.

O isolamento obsessivo dos protagonistas é mostrado numa série de círculos concêntricos. O espaço primordial do filme é insular, a Madeira, no interior do qual está situado o cenário principal, esta outra ilha, que é o casino projectado por Oscar Niemeyer, que tem uma forma circular. Barbet Schroeder tira o máximo proveito deste espaço e quando filma do exterior e à noite o casino este adquire uma aparência algo irreal, quase de nave espacial, como no plano em que é mostrado em contraponto à cidade, único ponto de luz num espaço adormecido e às escuras. O interior do casino, muito mais anónimo, teatro da sufocante mecânica do jogo, é cortado por bruscas aberturas para o exterior, através das grandes janelas. E contrastando com o falso luxo deste espaço nocturno, estão os raros espaços diurnos do Funchal, ruelas pobres, uma sórdida pensão e, mais uma vez, o jogo. A ausência de relações verdadeiramente pessoais e de verdadeira energia sexual estão muito bem delineadas no filme. Como tantos jogadores compulsivos, Eric é cheio de superstições e fetichismos e, de início, está interessado na mulher porque pensa que ela "*dá sorte*". Na *t-shirt* dela está impresso o número 7 e são 7 e 7 da manhã... Ele pede então que ela o acompanhe, como talismã, durante uma semana, ou seja, sete dias. Em pouco tempo, um será o duplo do outro, no exercício de uma paixão assexuada, a do jogo. E esta paixão sem paixão é convincente graças aos desempenhos de Jacques Dutronc e Bulle Ogier, cujas diferenças e cuja complementaridade Barbet Schroeder explora ao máximo. Ela compõe um personagem de modo visivelmente profissional, com um tom falsamente ausente, como uma actriz habituada a grandes textos de teatro que visitasse um domínio menor; ele parece ter uma afinidade absoluta com o seu personagem, com o ar taciturno, o olhar fixo dos obcecados. O dito, o não dito, a troca de olhares, as presenças e as funções de cada um no decorrer das diversas peripécias são transmitidas ao espectador por um duo de actores que parece ligado de modo tão inextricável quanto os seus personagens, o que ainda é reforçado, por contraste, pela interpretação tonitruante do personagem *larger than life* de Kurt Raab, um nome que marcou presença como argumentista e actor, sobretudo para Fassbinder, no *novo cinema alemão* dos anos 70. A música do filme também é de um dos mais fiéis colaboradores de Fassbinder, Peer Raben. Note-se ainda, num curto papel, a presença do director de fotografia do filme, Robby Müller, colaborador assíduo de Wim Wenders e Jim Jarmusch.

Nesta história de jogo, que se desdobra no corolário de qualquer jogo, a batota ("*a batota é a continuação do jogo por outros meios*"), em que o suspense é dado pelo rodopio de uma bola de vidro (e Barbet Schroeder guarda habilmente para o fim as mais longas sequências de roleta), há alguém, que não faz batota: o realizador. **Tricheurs** é um filme injustamente esquecido, um objecto cinematográfico que é exactamente aquilo que quer ser: sem alegorias, sem inúteis intrigas secundárias, um filme exacto, preciso, que abre diante dos nossos olhos aquilo que por definição é fechado - a obsessão. À data de hoje, **Tricheurs** é muito provavelmente o melhor filme de ficção de Barbet Schroeder, ao lado de **La Virgen de los Sicarios**.

Antonio Rodrigues